

Necessidade – Desejo – Demanda

Psicanálise IV – 2008

- § Joël Dor – Cap. 20 – necessidade – desejo – demanda
- A descrição das origens da pulsão em Freud -

(É preciso antecipadamente assinalar que Dor se baseia no artigo *A pulsão e suas vicissitudes*, um dos textos conhecidos como metapsicológicos[1] de Freud, datado de 1915. Nesse texto freudiano, o modelo pulsional adotado é o da primeira teoria das pulsões, caracterizada pelo confronto entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais. O programa de Psicanálise II inclui, em sua terceira unidade, o referido tema).

Esse modelo (o da primeira teoria das pulsões) fôra questionado pelo próprio Freud em 1914, no texto *Introdução ao narcisismo*, mas sem que fosse apresentada uma nova concepção, já que Freud ainda não substituíra a hipótese original (pulsões do ego vs pulsões sexuais) por aquela que viria a formular em 1920 (pulsão de vida vs pulsão de morte, ou Eros vs Thânatos). Essa imprecisão de Dor ajuda a compreender porque em seu texto ele pressupõe uma continuidade entre Freud e Lacan, que de fato existe, mas não a partir de *A pulsão e suas vicissitudes* (1915) e sim a partir de *Além do princípio do prazer* (1920).

É em “Além do Princípio do Prazer” que Freud formula sua segunda teoria das pulsões (Eros vs Thânatos).

Eis os “protagonistas” do texto freudiano de 1915 (levando em conta que o exemplo pertence ao campo da alimentação – muito pertinentemente, aliás, visto que se trata da primeira das fases da sexualidade infantil, a oral):

Estado de privação (carência alimentar, fator orgânico), → estimulação interna (aumento de tensão) → reações observáveis (contração muscular, crispação, choro) → alimentação = supressão da estimulação interna, logo da privação, logo da tensão → estado de saciação → “traço mnésico” (inscrição na memória).

A “inscrição na memória” (“traço mnésico”) dessa experiência inclui o registro do objeto que propiciou a satisfação (o seio, representação parcial da figura materna, mesmo que o bebê tenha sido alimentado por ama de leite, ou com mamadeira).

A partir dessa situação inicial, ter-se-iam criado as condições para a experiência de satisfação alucinatória, que decorreria do “reinvestimento” do “traço mnésico” (inscrição na memória) decorrente da primeira experiência de satisfação. Para contrabalançar essa situação “perigosa” (pois o bebê deixaria de apresentar os sinais observáveis da privação), a realidade acabaria impondo uma diferenciação entre a saciação “real” ou “verdadeira”, decorrente da alimentação, e a saciação alucinatória, proveniente do reinvestimento do traço mnésico.

Ou seja, a fome se sobrepõe aos efeitos da “alucinação” provocada pelo traço mnésico da primeira experiência de satisfação, isso significa que o orgânico (a fome, do ponto de vista

fisiológico) prevaleceria sobre o psíquico (representado pela “alucinação” do seio ou seu substituto).

Mas o reinvestimento do “traço de memória” (ou mnésico) não seria menos importante por isso, pois representaria o início da vida psíquica (a substituição da necessidade, orgânica, pelo desejo, psíquico).

Mesmo se “derrotado” pela “fome”, o traço mnésico criado pela primeira experiência de satisfação inauguraria o imaginário, ou seja, o psiquismo, caracterizado pelo desejo, que se expressará daí em diante pela fantasia.

Portanto, na hipótese de Freud, o desejo (ou seja, o psicológico) teria sido construído a partir da alucinação criada a partir da memória do estado de saciação, causado por sua vez pela primeira experiência de satisfação da necessidade (orgânica).

Em 1915, Freud considera que o desejo (psíquico) nasceria da necessidade (orgânica), por mediação ambiental. O raciocínio é de uma lógica aparentemente inquestionável e repousa na posição epistemológica adotada pela psicologia (e pelas demais ciências) do início do século, em que os dois fatores fundamentais, com capacidade de explicação de qualquer fenômeno, a serem investigados pela ciência, são o biológico e o ambiental. (Piaget descreve segundo uma lógica semelhante a passagem do sensorio motor ao operatório).

Entretanto, há uma boa margem para discussão em relação à pertinência dessa hipótese, tanto à luz de outros conceitos freudianos como em função de desenvolvimentos ulteriores da psicanálise.

O primeiro questionamento é o seguinte: essa hipótese de Freud apóia-se na suposição da inscrição de um “traço mnésico”, de uma representação da experiência de satisfação (saciação), ou seja, de algo que representa a memória. Freud presume então que o bebê já tenha a capacidade de memorizar.

Mas se a memória é um efeito de linguagem, e a aquisição da linguagem acontece habitualmente após os dois anos, tendo como efeito a constituição do sujeito, a hipótese freudiana de 1915 é questionável.

Porque a mesma tem por implicação a presença de um sujeito que não poderia existir nesse momento (em que o bebê está na posição de *infans*, e *infans*antes da posição de objeto, ou seja, posição de indiferenciação. Sabemos que a posição de objeto será criada pelo estágio do espelho, caso aconteça).

(Conforme vimos ao longo do curso, se levarmos em conta o processo de constituição do sujeito conforme apresentado (indiferenciação, espelho, sujeito absoluto [eu], sujeito desejante [supereu]) não se poderia supor presença de linguagem e, portanto, nem de sujeito, no início da vida.)

A hipótese de Freud parece relacionar-se à noção de condicionamento mas não à memória, já que esta necessariamente decorreria da linguagem.

Ou seja, como vimos nas discussões sobre o estádio do espelho, pressupor um sujeito antes do espelho, que “se” reconheceria na imagem, é demonstrar não compreender que esse conceito visa precisamente apreender o momento em que, saindo da indiferenciação, o *infans* é lançado na posição de objeto.

Consequentemente, caberia perguntar: a “experiência de satisfação” deixaria “um traço na memória” de “quem”? Depois do texto lacaniano sobre o espelho (e a menos que se discorde dele com a devida argumentação), é difícil aceitar que o bebê tenha memória.

Supor que a noção de realidade surja da frustração em relação à alimentação... é supor o *infans* afetado (influenciado) por uma realidade definida como frustração. Contrariamente a essa posição, em psicanálise estrutural o conceito de falta surge com a aquisição da linguagem, e a falta se inscreve no real do desejo, desejo que se expressa de maneira bifurcada: o imaginário (não aceitação da falta, desejo de não desejar) e o simbólico (aceitação da falta, desejo de desejar).

De fato, para o Freud de 1915, que escreve *A pulsão e suas vicissitudes*[2], o surgimento da pulsão (que é simultaneamente o surgimento do desejo) dar-se-ia a partir da necessidade. Mas com a teorização das pulsões de vida e de morte, a definição freudiana de pulsão muda consideravelmente, embora Freud não tenha retomado à questão da origem da pulsão ao escrever esse ensaio.

Podemos dizer que Lacan tomou essa tarefa a seu cargo (ênfaticamente porém a pulsão de morte; aliás, é chamativo o papel reduzido concedido à sublimação por Lacan). Contudo, Dor não faz qualquer comentário a respeito e fica-se com a impressão, lendo o 20º capítulo, que há continuidade entre Lacan e o Freud de 1915.

Quando é bem mais plausível dizer que Lacan extrai todas as consequências da teorização freudiana de 1920, ou seja, tematiza a questão da origem da pulsão a partir da teorização da pulsão de morte.

Consequentemente, Lacan critica implicitamente a hipótese freudiana de 1915 segundo a qual o desejo decorreria da necessidade e o prazer da satisfação. Necessidade e satisfação... são conceitos ligados ao orgânico; incompatíveis com desejo e prazer.

Lembremos a distinção entre os princípios de comportamento:

(Não-humano): Instinto → necessidade → objeto determinado → comportamento determinado → satisfação (saciação) ou frustração;

(Humano): Pulsão → desejo → objeto não determinado → comportamento não determinado → prazer/desprazer.

Assim, Lacan questiona o modelo darwiniano acima referido, aparentemente muito lógico mas que, segundo a abordagem psicanalítica estrutural, é inaplicável ao ser humano. (A teoria da evolução explica (também) o surgimento da espécie humana em termos biológicos, mas não o funcionamento dessa espécie, definida pelo aparecimento da linguagem, que inaugura uma forma diferente de interação com o ambiente).

Se para o Freud de 1915 o desejo nasce da necessidade, para o Freud de 1920 o desejo se divorcia inteiramente do conceito de necessidade. Passa a definir-se como desejo de desejar (posição de sujeito) e desejo de não desejar (posição de objeto). O primeiro fica associado a Eros e o segundo a Thânatos.

Nosograficamente, a diferença se expressaria entre os extremos da loucura (psicose) e da sublimação. Lacan acrescentará à última hipótese freudiana uma dimensão epistemológica. Ou seja, em vez da epistemologia canônica (biologia + ambiente), ele propõe a linguagem como fundamento.

Consequentemente, para Lacan, *ontogeneticamente* o desejo nasce... do próprio desejo (ou seja, do Outro, ou campo desejante, daqueles em cujas vidas o bebê se inscreveu enquanto projeto) e *filogeneticamente* da linguagem – embora neste último caso, como já vimos ao longo do curso, a demonstração não seja fácil. (Como sempre, a esse respeito recomendo o insuspeito biólogo Philip Lieberman e seu “*The biology and evolution of language*“, já citado).

Tal postulação pode valer-se de argumentos como o seguinte: a noção de desejo inclui necessariamente a de temporalidade. Desejo implica em reencontrar no futuro algo que pertence (‘aconteceu’, ‘teria acontecido’) à esfera do passado. O passado e o futuro, aliás, só existem (como a própria idéia de tempo) em função da linguagem.

Em aulas anteriores foi discutida a questão da divisão consciência / inconsciente. O desejo de não desejar (pulsão de morte) só poderia surgir no momento em que o sujeito se constitui como tal. Antes disso, ele só poderia expressar o referido conflito tal como se dá no discurso do Outro (campo desejante).

(Antes da aquisição da linguagem, ou seja, no período da comunicação [palavra especular], a criança não tem como compreender que “depois”, não “agora”, o que ela pede lhe será dado; não compreende tampouco os referentes de ‘hoje’, ‘ontem’, ‘amanhã’. Vive no tempo presente, vivencia o presente de uma maneira que somente a ausência da linguagem poderia propiciar. A aquisição da linguagem torna o sujeito prisioneiro do futuro, cujo papel seria o de propiciar o reencontro com um passado mítico. O paraíso perdido – em que fomos desejados sem o ônus de desejar, mas no qual também não teríamos existido como sujeitos. Esse passado, “paraíso perdido”, constitui a sede do imaginário).

O esquema freudiano de 1915 obedece à mesma lógica do condicionamento pavloviano (e Dor parece não perceber): “*É graças à primeira associação produzida no psiquismo que o reinvestimento da imagem mnésica pela moção pulsional se torna possível*“.

A assinalar e ressaltar: no último parágrafo da 141 e no primeiro da 142 Dor extrai conclusões de maneira injustificada; de fato, se se trata de explicar a emergência do desejo a partir da associação estabelecida entre um estado de privação e um estado de saciação mediados pela intervenção de um objeto (seio), então não se entende porque isso não aconteceria com qualquer outro mamífero.

Cabe a mesma pergunta em relação à teoria piagetiana: o sensório-motor também pode ser atribuído aos outros mamíferos. Por que apenas o ser humano teria acesso às etapas seguintes do desenvolvimento da inteligência?

Mas Dor também desenvolve uma outra argumentação, esta sim pertinente, a partir das diferenças entre Lacan e o Freud de 1915. Os dois últimos parágrafos da pg. 144 e os dois primeiros da página seguinte demonstram-no. “*A mãe, elevada assim à posição de Outro para a criança, desta mesma feita assujeita-a ao universo de seus próprios significantes, visto que mobiliza, através do oferecimento do objeto alimentar, uma resposta ao que ela mesma previamente interpretou como uma suposta demanda (manifestações corporais). Ora, de uma certa maneira, não se pode deixar de tomar esta demanda suposta como projeção do desejo do Outro*”.

Diríamos que a ressalva “*de uma certa maneira*” é desnecessária e mesmo despistadora. Tudo se passa como se *todo o comportamento do bebê fosse objeto da interpretação do adulto* (o adjetivo “materna” poderia ser substituído pela expressão mais abstrata e abrangente: campo desejante), incluindo a *fome* e a *saciação*. De fato, o estado de carência orgânica por si só não determina o comportamento do bebê; por exemplo, com referência à produção de um sinal (chôro) emitido para “informar” à mãe de tal carência. A anorexia, quer associada ou não ao autismo, pode demonstrá-lo, conforme já foi argumentado anteriormente. A demanda do bebê é instaurada pelo desejo da “mãe” (campo desejante), cf. o sonho das cerejas de Anna Freud.

- A descrição das origens da pulsão em Lacan -'

As quatro características da pulsão segundo Freud, reiteradas por Lacan: fonte, pressão (ou força), alvo (seria bem melhor dizer: finalidade) e objeto.-

Lacan redefine a pulsão ao distingui-la da necessidade, “ritmada” e “periódica”, enquanto a pulsão seria constante. (O fenômeno visado por Lacan ao estabelecer esse contraste é sem dúvida a sexualidade – cio vs desejo – mas pode aplicar-se perfeitamente à primeira situação da vida humana. O amor (desejo) da mãe pelo bebê não pode ser entendido darwinianamente como algo ligado à reprodução da espécie).

Mesmo que em relação ao lactante o objeto pareça determinado (leite), já há indeterminação na medida em que a alimentação pode ser recusada (anorexia pós-natal), sem que a razão da recusa seja orgânica. (É interessante notar que o texto não menciona o autismo; trata-se de um distúrbio que dá forte apoio às teses lacanianas).-

Segundo argumento que apóia a posição lacanianiana: a sublimação. De fato, como escreve Dor, se a satisfação da pulsão é a de atingir seu alvo, fica difícil entender como a arte e a ciência poderiam proporcionar essa finalidade, que no caso nada tem de orgânica. Pintar um quadro, compor uma música, formular uma hipótese, refletir sobre uma questão, não há nada nisso que evoque diretamente algo da ordem da “descarga” ou seja, da redução de uma “tensão” interna, biológica. Não há como propor uma continuidade da alimentação do recém nascido até a quinta sinfonia, se essa continuidade fôr construída a partir do conceito de “necessidade orgânica”. Mas pode-se propor uma continuidade se fôr levado em conta que ambos os processos são regidos pela linguagem. No caso da sinfonia isso parece tão evidente quanto parece absurdo fazer tal afirmação em relação ao lactante... mas lembremos que o bebê está situado, nesse momento, no discurso do campo desejante e nasceu em função de fantasias (linguagem).

A continuidade em questão refere-se ao preenchimento da falta (embora no caso do lactante esteja ligada à busca de completude – por parte dos protagonistas do campo desejante – e no caso da sublimação trata-se da celebração da falta (o contrário da completude) que permite o prazer (da criatividade).

De resto, os argumentos que Dor desenvolve à pag. 144 tornam tal suposição bastante plausível: *“Retomando o exemplo do registro alimentar onde se dão as primeiras experiências de satisfação, a criança que nasce é constitutivamente submetida, em seu ser, à ordem das exigências da necessidade. As primeiras manifestações destes imperativos orgânicos traduzem-se por estados de tensão do corpo cujos estereótipos físicos constituem a resposta do corpo à privação. A incapacidade em que a criança se encontra de satisfazer por si mesma a essas exigências requer e justifica a presença de um outro. Como se dá esse cuidado da criança pelo outro? Uma primeira coisa que se deve observar é que essas manifestações corporais tomam imediatamente valor de signos para esse outro, uma vez que é ele que alivia e decide compreender que a criança está em estado de necessidade. Dito de outra forma, estas manifestações corporais só fazem sentido na medida em que o outro lhes atribui um sentido. Não se pode dizer que a criança utiliza estas manifestações corporais para significar alguma coisa ao outro. Ao nível desta primeira experiência de satisfação não existe nenhuma intencionalidade da criança no sentido de mobilizar o estado de seu corpo em manifestações que teriam valor de mensagem destinada ao outro. Em contrapartida, se estas manifestações fazem imediatamente sentido para o outro, isto implica que a criança é de imediato colocada num universo de comunicação, onde a intervenção do outro constitui-se como uma resposta a algo que foi, de antemão, suposto como uma demanda.*

“Por sua intervenção, o outro, portanto, refere imediatamente a criança a um universo semântico e a um universo de discurso que é o dele. Deste ponto de vista, o outro que inscreve a criança neste referente simbólico investe-se, por sua vez, junto à criança, como um outro privilegiado: o Outro”. (Pg. 144).-

Seria preciso acrescentar apenas que a atitude desse Outro perante o bebê já se encontra prefigurada. Ou seja, se um bebê humano nasce é porque a maternidade/paternidade estão presentes no discurso de seus pais. Consequentemente, não é por acaso que o choro (ou qualquer outra manifestação entendida como carência) do bebê é objeto de uma interpretação (isto é, de uma atribuição de sentido). Se, por outro lado há um discurso (significação/sentido) prévio a todo e qualquer nascimento (o ato sexual do ser humano não é igual ao dos outros mamíferos, no sentido de que nem sempre visa a procriação, e quando visa, obedece sempre a uma significação/sentido muito peculiar que a maternidade e a paternidade têm para as pessoas em questão), então toda existência humana é primeiramente regida pela linguagem – condição prévia para que o óvulo e o sêmem “cumpram seus papéis”, como acontece com qualquer outro mamífero mas, neste último caso, sem a “mediação” da linguagem.

Assim, se desde o início o processo é regido pela linguagem (discurso), entende-se porque desde a fase oral (incluindo a possibilidade da anorexia) até a genital (eventualmente a quinta sinfonia ou a teoria da relatividade), passando pela neurose e pela perversão, caberia supor uma continuidade, na medida em que a linguagem (o sentido) regeria todas as

possibilidades, do autismo à sublimação – a nenhuma das quais os outros animais teriam acesso.-

Então, o importante do processo em questão não é o estado de necessidade orgânica ou o de saciação, que ocorreriam com qualquer filhote de mamífero ou de ave – e sim a pré-existência, no Outro, da linguagem.-

Quando Lacan pergunta pelo prazer paradoxalmente fornecido pelo sintoma, a única resposta possível seria a da presença do desejo de “retornar” à posição de objeto – ou seja, a dificuldade de aceitar a posição de sujeito.-

Em relação à sublimação, a questão não é a de que a pulsão nesse caso esteja inibida quanto à finalidade, mas a de que na sublimação não se busca um objeto e sim se cria a própria posição de sujeito – mais do que um objeto determinado. O prazer na sublimação deriva de se poder enfrentar a falta com prazer. Assim, o verbo da sublimação é o fazer, que se contrapõe tanto a ‘ser’ (o falo) como a ‘ter’ (o falo). O fazer pressupõe aceitação da falta, aceitação da incompletude; ser e ter pressupõem busca (desejo) de completude, conflito com a falta (neurose, perversão), ou rejeição da falta (psicose).-

v Necessidade, demanda, desejo v

A diferença entre o objeto da pulsão (ou do desejo) e o da necessidade consiste em que este último é na verdade o objeto da demanda, que se “mascara” de necessidade. O objeto da necessidade, caso existisse, seria insubstituível (o que de fato ocorre no animal não humano). A linguagem instaura a substituíbilidade (o deslocamento) chamada por Lacan de metonímica, no sentido de que o objeto ‘a’ não faria senão prometer um retorno à mítica situação primordial de completude, o que leva à substituição permanente dos objetos ‘a’ (cadeia metonímica).

Essa questão também diz respeito à prática psicanalítica. O psicanalista supõe que “a perda irreparável”, “o objeto insubstituível” não são “reais” no sentido habitual do termo “real”, mas “reais” enquanto aparecem no discurso; ou seja, não se trata de algo “real” no sentido de realidade externa, mas real em termos de desejo. E o desejo/discurso é passível de transformação; é nesse sentido que dizemos que o “real” é passível de transformação. *A transformação na realidade (ou seja, a transformação do comportamento do sujeito) decorre da transformação do “real” (do seu próprio desejo).*

Na concepção psicanalítica não haveria uma realidade externa independente do desejo. Na medida em que a linguagem produz seus efeitos no ser humano, temos as possibilidades extremas da alucinação, do delírio ou da demência (retorno à posição de objeto ou de indiferenciação, não desejar), de um lado, e, no extremo oposto, a sublimação (criatividade) = aceitação do desejo, criação do objeto inexistente.

Alucinação: palavra especular, ausência de discurso próprio (só existe o discurso do Outro), tempo restrito ao presente da falta preenchida alucinatoriamente, ausência de passado e futuro.-

Discurso próprio: há passado e futuro (imaginário, demanda) e há também presente, não como alucinação mas como produção/transformação (simbólico, sublimação).-

Daí a não vigência do real no sentido biológico/ambiental para o ser humano. Ou este real é alucinado (psicose), ou é transformado (sublimação), ou significado de acordo com a forma assumida pelo conflito (neurose/perversão).

É o que justifica a proposta lacaniana de substituir o termo *necessidade* por demanda, *que seria sempre demanda de amor (reconhecimento)*, ou seja, desejo do desejo do outro. Nesse sentido, o sujeito constituído demonstra ter-se identificado com o desejo que promoveu sua própria existência.

De fato, o campo desejante se manifesta em relação à criança através de manifestações de desejo do desejo do outro. Exemplificando: a mãe (pessoas do campo desejante) que propicia a emergência do desejo no bebê deseja tornar-se imprescindível para ele; deseja que o bebê “coma”, “engorde”, “cresça”, “sorria”, “abraçe”, “beije”, “diga mamã/papá”, “ande”. Isso significa: deseja que o bebê deseje o que ela lhe dá: *ou seja, através dos cuidados que lhe dispensa, deseja que o bebê venha a desejar precisamente... o seu próprio (dela) desejo.*

E, de fato, a criança responde geralmente por essa via. Através do que lhe é dado ou negado, a criança, a partir do momento em que é dotada de discurso, faz uma atribuição de sentido em termos de amor ou rejeição.

Lembremos o sonho da filha de Freud (Anna) aos dois anos: “Anna, cerejas, morangos, framboesa”, que seu pai entende como: um sonho “claro”, sem metáfora, mostrando a realização de um desejo que havia sido negado na “realidade”. De fato, a sobremesa tinha sido recusada à criança que estava com problemas digestivos. Ao dormir, Anna sonhou que estava comendo as frutas.

Contudo, seria mais plausível dizer que o sonho da criança de dois anos também é metafórico. A impossibilidade de comer a sobremesa foi recebida pela criança como rejeição (falta de amor). O sonho pode ser então interpretado como realização do desejo de amor, *metaforizado* pelas cerejas, morangos e framboesas. Assim, na terminologia lacaniana, as frutas representariam uma demanda decorrente do desejo (do desejo do Outro). Não se trata de uma “necessidade”.

Enfim, por “coisa“, entenda-se um vocábulo “coringa”, indeterminado, que pode substituir o que quer que seja (pois às vezes não sabemos exatamente o que nos falta... mas sabemos que algo, alguma coisa, faz falta; ou seja, que a falta, antes de mais nada, antes de seu suposto representante, está presente; algo me falta, logo desejo, logo existo).

Por “coisa”, Lacan assinala que o objeto (que ele propõe designar por objeto a, em contraposição ao A, o grande Outro), em sí, qualquer que seja, permanece subordinado ao território do discurso (dizemos “coisa” quando “perdemos” o vocábulo com que pretendemos designar um objeto preciso. Permanece então a “sombra” do objeto perdido, como que para assinalar seu lugar.

[1] Hoje diríamos epistemológicos.[2] Aliás, pulsão no singular. Chamativo porque o esquema acima descrito valeria tanto para as pulsões sexuais como para as pulsões de auto-preservação, ou seja, as duas pulsões pertencentes ao quadro da primeira teoria das pulsões. (O conteúdo da segunda teoria das pulsões referirá o confronto entre pulsão de vida e pulsão de morte, ou desejo (de desejar) e desejo de não desejar, ou posição de objeto vs posição de objeto. Segundo a primeira teoria das pulsões, a pulsão sexual ter-se-ia originado da pulsão de auto-preservação. O orgânico antecederia o psíquico.

www.franklingoldgrub.com